

PERCEPÇÃO AMBIENTAL E PAISAGEM VIVIDA. REFLEXOS DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: OS LUGARES DA SEGREGAÇÃO.

LIMA, Solange T.*

RABELLO, Sila D.**

No decurso do século XIX, com as políticas de imigração do Brasil Imperial, chegavam as primeiras levas de imigrantes protestantes, isto é, aqueles que não professavam o Catolicismo Romano, considerado então, como religião oficial do país. Embora, a Constituição Imperial de 1824, em seu art. 15, estabelecesse que, respeitada a religião oficial, ninguém seria perseguido por questões religiosas, no cotidiano não era a situação observada. Intolerâncias particulares e motivos políticos eram constantemente causas de tenazes oposições entre católicos e protestantes, gerando situações insólitas e até mesmo pitorescas quanto ao destino de vivos e mortos à procura de um “lugar seguro”, instalando-se assim, uma comunidade de conflitos de origem sócio-cultural.

A experiência ambiental e a identidade destes imigrantes estavam marcadas pelo “*não ser católico*”, levando-os à organização de pequenas comunidades onde não somente cultivariam suas tradições culturais, mas também estruturariam suas bases religiosas, sendo este o principal fator de coesão grupal. Os processos de adaptação social exigiam novos procedimentos, visando uma integração com a sociedade majoritária, porém, nos anos de 1800, ainda perduravam resquícios relacionados à Inquisição Católico-Romana, gênese de muitas conjunturas experienciadas em diferentes lugares por todos aqueles que não comungassem os dogmas teológicos do catolicismo. Mais uma vez, o espaço era disputado entre o poder secular e o temporal, estabelecendo-se uma paisagem de antagonismos, de valores diferenciados, levando a uma dualidade de aspectos referentes à legislação vigente, devido aos paradoxos de situações decorrentes da divisão entre católicos e acatólicos.

A paisagem vivida transformava-se com a vinda destes imigrantes europeus, os quais professavam diferentes confissões evangélicas: luteranos, presbiterianos, congregacionais, batistas. Nos lugares onde se radicavam, inseriam, pouco a pouco, modificações tanto a nível do ambiente construído como natural, através da construção de novos elementos e conjuntos paisagísticos - hospitais, escolas, casas-de-oração, cemitérios. Os espaços destinados a estes segmentos de população eram percebidos como espaços de segregação social, tendo em vista, as discriminações a interferir profundamente em suas relações sócio-econômicas.

Em nosso estudo, selecionamos os conjuntos paisagísticos representados pelas áreas de cemitérios evangélicos, buscando resgatar alguns aspectos relativos à percepção ambiental e conservação de recursos construídos, como fator de visibilidade e identidade de um lugar, enquanto um sítio de valor cultural. A escolha destes cemitérios residiu no fato dos mesmos representarem espaços memoriais para as comunidades envolvidas, sob uma perspectiva experiencial.

* Professora Assistente, IGCE/UNESP; Centro de Estudos Ambientais (CEA), Rio Claro (SP) - Brasil.

** Estagiário, CEA-UNESP, Faculdade Teológica Batista de Campinas, Rio Claro (SP) - Brasil.

Os aspectos históricos resgatados nos mostram que a Igreja Católica era detentora dos locais destinados aos sepultamentos dos mortos, sendo os mesmos também conhecidos como “campo santo”, em razão de terem sido benzidos pelas autoridades católico-romanas. Além disso, compreendiam espaços especiais denominados de “santíssimo”, onde eram sepultados dignitários eclesiásticos e da comunidade. Todavia, até o ano de 1863, não havia legislação garantindo ao pastor protestante o direito de realizar casamentos, registros de nascimentos ou de óbitos. Assim, o imigrante acatólico não possuía certidão de batismo na igreja oficial, sendo considerado herege. Enquanto herege, não lhe era permitido ser enterrado nas áreas bentas dos cemitérios católicos ficando então, nos espaços “*fora dos muros*”: um espaço de segregados, um lugar destinado aos assassinos e excomungados. As autoridades católicas não autorizavam estes sepultamentos e, inúmeras vezes, segundo relatos, ao chegarem ao cemitério local com seus mortos, tinham que voltar devido às proibições de caráter discriminatório. O desamparo da lei e as várias situações constrangedoras as quais estes imigrantes foram expostos, motivaram os líderes de diversas colônias a construir seus próprios cemitérios.

O primeiro destes foi construído na cidade do Rio de Janeiro, em 1845, pelo Pastor Dr. Frédéric Avé-Lallemand, um dos líderes da comunidade franco-alemã, sendo chamado de “*Cemitério Protestante*”. Encontramos a existência de outros em Curitiba (PR), Recife (PE) e Nova Friburgo (RJ). No Estado de São Paulo, nossa área de estudo, registramos o “*Cemitério da Consolação*”, fundado em 1855, na Capital, bem como o “*Cemitério do Redentor*”, servindo inicialmente às comunidades protestantes. No interior paulista, no decorrer de meados do século XIX, surgiram os cemitérios evangélicos de Rio Claro (1863), Santa Bárbara d’Oeste (1869) e Brotas (1880), respectivamente, ligados às comunidades Luterana, Batista e Presbiteriana em seus inícios.

Entre algumas causas de não registrarmos um maior número dos mesmos, verificamos as seguintes situações: (a) as denominações históricas protestantes, a princípio, se desenvolveram em núcleos rurais (b) nem todos os padres eram intolerantes quanto aos sepultamentos dos chamados “*hereges protestantes*”, sendo possível obter espaços anexos para os enterros (c) alguns cemitérios foram descaracterizados, tanto a nível de seu conjunto arquitetônico, quanto à especificidade religiosa, sendo absorvidos por legislações municipais posteriores (d) as comunidades protestantes ainda eram reduzidas e isoladas, em termos de distribuição espacial, caracterizadas como “comunidades fechadas”, em muitos casos, dificultando os processos de adaptação e assimilação sócio-cultural.

Em termos da conservação dos recursos paisagísticos construídos, o cemitério protestante de Santa Bárbara d’Oeste, localizado na área rural deste município e conhecido como “*Cemitério do Campo*”, é o que atualmente, mais preserva ainda suas características históricas relativas à imigração norte-americana imediatamente no período após à Guerra da Secessão. Este cemitério representa um memorial sob vários aspectos - marco da comunidade batista no Estado de São Paulo; da comunidade maçônica e dos soldados confederados sulistas que para cá migraram. Sua oficialização, mediante a Lei Municipal nº 57 data de 16/08/1906, embora existisse desde 1869. O conjunto paisagístico compreende as áreas das campas em vários estilos, um monumento tipo obelisco com os sobrenomes das famílias pioneiras, capela e área parque com funções de equipamento sócio-cultural.

A área respectiva ao entorno de ambientação, prevista em legislação, é inexistente, pois o espaço físico necessário à integração harmônica do lugar com a paisagem na qual encontra-se inserido, reflete apenas sua condição fragmentária, “ilhado” em um contexto paisagístico rural, onde os canaviais alcançam praticamente seus muros de alambrados, separados por uma via de tráfego de leito carroçável estreito e sem pavimentação. O entorno de proteção, verificadas as suas limitações, tem permitido, em margem de pequena extensão, a sua conservação, manutenção e valorização.

Ao analisarmos o “*Cemitério do Campo*”, como uma área especial de interesse, consideramos a necessidade do mesmo sofrer processos de restauração cuidadosa de todo o seu patrimônio, segundo a legislação pertinente, de modo a reconstituir a memória regional. Além destes aspectos de natureza conservacionista, o tombamento da área, como uma forma de defesa do patrimônio cultural, segundo as normas de tutela legal dos bens culturais do país, e, previstos os registros e inventários, bem como outras ações necessárias, asseguraria a valoração do lugar enquanto um bem imóvel histórico-cultural, mediante a conservação e restauração de seus elementos característicos.

Estas medidas tutelares são fundamentais, pois de todos os cemitérios protestantes em São Paulo, este é, particularmente, o que mais conserva os referenciais básicos da identidade e da memória dos diferentes grupos religiosos formadores de nossa comunidade, tratando-se de um sítio de valor histórico, paisagístico, artístico, constituindo parte do patrimônio cultural desta região do Estado, devido sua importância como fator de integração social para as famílias remanescentes destes primeiros imigrantes até os nossos dias.

O “*Cemitério do Campo*” ao envolver aspectos relacionados às dimensões do sagrado e do profano compreendidos pela paisagem vivida, remete-nos aos propósitos referentes às finalidades funcionais e emocionais, unindo os seres humanos aos seus espaços. As imagens, possuindo uma identidade singular, inclusive pelas diferenças arquitetônicas próprias, adquirem uma visibilidade vinculada às tradições religiosas destes imigrantes que, embora grupo minoritário na época, moldaram novos padrões de ocupação do espaço regional, como também, muitas das atitudes e condutas da comunidade majoritária concernentes à difusão de tecnologias, idéias e estilos de vida, imprimindo na construção da paisagem vivida, os geossímbolos de suas percepções e experiências ambientais em um contexto paisagístico de forças antagônicas envolvendo processos de segregação e integração.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Ivete Senise. *Tutela Penal do Patrimônio Cultural*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1995.
- FRANCAVIGLIA, Richard. "The Cemetery as an Evolving Cultural Landscape", *Annals of the Association of American Geographers*, sept/1971, nº 3, pp. 501-509.
- HOUGH, Michael. *Out of Place - restoring identity to the Regional Landscape*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- JONES, Judith MacKnight. *Soldado, Descansa*. São Paulo: Jarde, 1967.
- PATTISON, William. "The Cemeteries of Chicago: a phase of land utilization", *Annals of the Association of American Geographers*, sept/1955, nº 3, pp. 245-257.
- PEREIRA, J. Reis. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- WERLEN, Benno. *Society, Action and Space*. London: Routledge, 1993.
- ZELINSKY, Wilbur. "Unearthly Delights: Cemetery Names and the Map of the Changing American Afterworld", in Louwenthal, D. and Bouwen, M. (eds.), *Geographies of the Mind*. New York: Oxford University Press, 1976, pp. 171-195.